

**INHAMIUNS**



k a h d a n t a s  
**INHAMIUNS**



Para a mamãe, cuja vida de amor e sacrifícios me permitiu ler e escrever sempre de barriga cheia.



“(…) Sertão de muita música  
A música dos aboios e a dos cascos da boiada  
Nos campos dos Inhamuns  
Mesmo sem chuva, a poesia não morre  
Árvores de braços humanos e  
nus pelos crepúsculos  
A estrada branca do rio ao clarão da lua cheia  
Histórias da guerra antiga ao som  
das violas dos cantadores  
Não sou Feitosa, confesso  
Mas amei uma Feitosa  
Eu não lhe dei nada  
E ela me deu e para sempre a alma  
bíblica do sertão encourado  
O bárbaro sertão dos Inhamuns.”

(Jáder de Carvalho)

“Porque todos os seus dias são dores, e a sua  
ocupação é aflição; até de noite não descansa  
o seu coração; também isto é vaidade.”

(Eclesiastes 2:23)

“Porque, que é a vossa vida? É um vapor que  
aparece por um pouco, e depois se desvanece.”

(Tiago 4:14)



## UM PRELÚDIO

Sorveu minha alma pelo meio das pernas: era uma festa. O cigarro ia queimando a boca e, na alumiada escuridão, valsavam sombra, vento e fumaça. E a chama voraz engolia a erva e o papel, movendo-se rapidamente em direção aos meus lábios. Ele dizia que me amava. Eu só escutava. Da metade para lá, o céu se estirava feito uma caverna comprida onde se escondiam estrelas que pareciam tristes com a minha chegada, no meio daquele campo sem nuvens, madrugada plena e sertaneja à beira da Ce-020. A língua vasculhava as reentrâncias. re. en. trân. cias. Que palavra bonita, cheia de lugares para umedecer, eu pensei, junto dos anjos caídos. Agarrei com uma das mãos os cabelos dele, recém-cortados, e apaguei o cigarro na terra com a outra, gemendo alto com a morte que se aproximava. Naquela noite, nenhum mal nos encontrou. E eu compreendi, como se fosse capaz de governar sobre a vida, sem medo nem vergonha, que aquele era um homem a ser amado. Depois de dar ouvidos a mais um dos meus pedidos e de desbravar comigo uma estrada desconhecida de poeira estelar, uni-duni-tê, co-roou-me também rainha dos Inhamuns, com frio, terra e saliva. Foi a primeira vez que fui amada no sertão de onde fugi na adolescência. E foi a primeira vez que fui tomada por um homem que mal sabia ler, mas que dizia, num português nítido, forte e silabado, eu amo você, ele dizia. Eu só escutava. E não sentia



os calafrios, porque existia como se não houvesse temperatura fora de mim. Tremiam as pernas e os pés; o resto se contorcia por cima das camisas amassadas, deixando hematomas que sequer seriam sentidos depois. Não tinha importância. Chutei o para-choque do carro à minha frente e atrás dele e confessei, muito alto e muito longe, o desfecho que se aproximava. Que me amava, que me amava, que me amava, ele dizia, enquanto eu gozava. Eu só escutava. Então observei as estrelas uma última vez, na tentativa de tornar inesquecível aquele encontro fora do tempo e da dimensão em que vivíamos e na qual eu tinha me formado jornalista e ele, motorista. Faltava pouco para que chegássemos ao nosso destino e eu reencontrasse os fantasmas da minha – da *nossa* – infância e que eu tinha enterrado ao pé do poço profundo, onde a Vó dizia que dava sorte se eu jogasse uma pedrinha polida e desejasse. Nós dois desejamos. Eu fui embora, consegui diploma, salário razoável e passaporte carimbado. E ele? Ele dizia que me amava. Mas eu só escutava. Então voltamos para o carro de mãos dadas e partimos em silêncio, com o peito esmagado pelo (des)afortunado reencontro. Crianças pequenas esperavam em casa. Amores não morriam. Desejos se concretizavam, mas faltava. E o fim não tinha jeito de ter recomeço. Por onde andavam os deuses que escolhiam quais sonhos realizar?

**Janeiro de 2019**



DOIS

# COMEÇOS E FINS

Se as coisas todas tivessem acontecido de um jeito diferente, capaz de eu ter me sentado um dia, mais à frente na vida, para escrever esta história.

O primeiro e adiado começo dela, que foi também um fim, aconteceu numa manhã ensolarada de sábado, quando eu descobri algumas chamadas perdidas no meu celular, nem separadas por minuto, e pressenti a notícia que eu já andava esperando havia dias, desde que tinha chegado por lá onde eu vivia, afastada de casa por um oceano: o murmúrio de que a Vó tinha adoecido. E as palavras da tia, a querida tia que me acolheu quando eu fui embora de casa, chegaram naquele dia, menos de dois anos antes de eu a perder também, honrando a norma sagrada do universo e trazendo o anúncio da partida de quem nos tinha criado.

Primeiro de tudo, eu me lembro, desaprendi a respirar. Como se de repente eu tivesse me tornado tão leve e fina e frágil quanto uma folha de papel de seda ao vento, à ameaça de cair chuva forte. Era como estar a um passo da não existência, tragada pela expectativa de um fim cujo vislumbre não me assustava e eu não conseguia compreender por quê. E foi assim que eu me senti, como se o deus nunca achado pouco importasse.

Depois do vazio e doutra vez me reconhecer numa existência fragmentada e há muito perdida no imenso vácuo que servia de melancólico guia pelo mundo estrangeiro ao redor, quis ficar um pouco confusa, uma algazarra de pensamentos desordenados à espreita, mas ali não era lugar, nem se obrigava a hora. Então fui à janela e acendi um cigarro para disfarçar a minha inabilidade de chorar, disse à minha curiosa colega de quarto na universidade que não tinha acontecido nada demais e forcei os pensamentos numa ordem qualquer, sabendo em meu coração que eu não veria a Vó uma última vez.

O segundo foi o que originou estes eventos, na forma do convite definitivo para o retorno à minha terra natal, recebido numa terça-feira nublada e anos depois de eu já estar de volta a Porto Alegre, com casa e trabalho ajustados. Tratava-se de uma oferta entusiasmada de trabalho da qual eu não poderia me desvencilhar.

É claro que não havia, lá na editora, colaborador mais adequado do que eu para acompanhar, durante uma semana, algumas visitas para a realização de pesquisas arqueológicas no meio do sertão cearense que havia sido meu berço trinta anos antes, o editor-chefe me disse, romanceando a empreitada e mencionando superficialmente algumas exigências da nossa contratante em São Paulo e o calendário de recepção, elaborado pelas autoridades locais para que eu tivesse autorização de acessar os estudos antes das datas oficiais reservadas aos veículos gerais de imprensa.

Meu chefe, um homem branco de meia idade que andava com os dedos quase sempre sujos de tinta, ainda emendou na conversa, convocando minha memória preguiçosa, elogios a um conjunto de matérias que eu tinha escrito noutra ano para uma revista, boa prosa historiográfica, ele disse, uma das quais traduzida e publicada no exterior, concluindo que eu era

perfeita para o contrato e rejeitando a ideia, dada em voz alta por um colega, de que poderíamos trabalhar a distância com algum profissional que já residisse no local. Os gastos seriam maiores e, sobretudo, quem melhor do que eu para escrever sobre a história da minha cidade-natal? Estremeci. A julgar que nunca mais haveria razão para voltar, andei distribuindo, ao longo do tempo e envaidecida, anedotas sertanejas sobre minhas supostas e incríveis origens, aventuras cactáceas em tempos de chuva e seca no coração distante do Ceará. Foi a falsa língua nos dentes, eu sei.

Eu deveria acompanhar esses pesquisadores estrangeiros, contratados como eu, em algumas visitas a um recém-descoberto sítio arqueológico, coisa importante, mas ainda pouco divulgada no País, com direito a rebuliço na comunidade científica internacional e a um pequeno alvoroço em setores locais da imprensa. De lá eu seguiria sozinha para o Piauí, ouvi, para entrevistar uma famosa arqueóloga brasileira e elaborar o material complementar à matéria principal.

Frio na barriga. Além, é claro, de uma forma triste de alumbramento que se poderia achar debaixo de um suposto ânimo nos meus olhos condescendentes.

Esse segundo começo e fim trouxe pelas mãos aquele primeiro, não com poucos ressentimentos, delicados, mas feito enchente de passagem por terra sem raízes, arrastando tudo o que podia ser avistado pelo caminho. Tias e tios distantes, primos esquecidos e sem nome, mãe havia muito tempo morta e a lembrança dolorosa de uma Vó que tinha representado todas as coisas, a vida e a morte. Por isso, em casa, eu me encarei no espelho muito mais que uma dezena de vezes para confirmar: não era a mesma pessoa. Não podia ser.

Então olhei, incerta, os livros que me desafiavam por toda parte. Eu gostava de pensar que tinha me formado boa lei-

tora e também escritora, pronta para ler o mundo à minha volta e escrever dele as boas e más notícias, informações e narrativas, um sem-número de fábulas que me salvavam todos os dias das minhas próprias e ocultas histórias. E havia as fotos, dezenas de fotos de viagens junto àquela da minha formatura, em que eu posava ao lado da tia, tudo debaixo de ímãs sobre a porta da geladeira, formando uma linha de tempo que nascia da minha chegada ao sul até ali, denunciando a sentença de esquecimento para os retratos de antes, todos deixados para trás.

O meu apartamento ficava no décimo terceiro andar, de onde eu gostava de olhar as luzes da cidade, arvorada no topo da metrópole, enquanto fumava um cigarro depois de um dia exaustivo de trabalho e imaginava, para a minha segurança, que a vida sempre tinha acontecido daquela forma. E assim mesmo, todas as lembranças mais recentes e ainda em brasa da mulher que eu tinha me tornado se juntavam ao coro da recusa.

Os cabelos, eu me olhava, que um dia já tinham sido escuros, estavam mais compridos e doutra cor, acobreados. Havia rugas na testa e nos cantos dos olhos. E as íris castanhas mais claras, realçadas pelas olheiras, acompanhavam as bochechas menos morenas e iluminavam o rosto de lábios pequenos que provavelmente tinham saído aos do meu pai fantasma, pois não eram característica da família da mãe. Eu tinha ainda a pele mais desbotada, muito mais, que o sol nascia dum laranja diferente ali onde eu tinha arrumado a vida, na beirada com o Uruguai.

Nas primeiras aulas, eu me lembrava, lá na escolinha municipal, tinha aprendido a traçar uma reta do Oiapoque ao Chuí. E foi assim, depois de nascer de novo, como dizem, e por causa dos convites insistentes da tia viajante que, desde muito antes de prestar atenção às aulas de geografia, eu determinei a minha

fuga, quando a Vó ainda era viva e eu corria com as galinhas e espantava sem medo os carneiros no terreno largo do quintal de nossa casa, deixada pelo meu avô boiadeiro. Mas eu queria morar era em canto longe dali. Onde eu sei que a mãe teria me levado para morar.



TRÊS

# AEROPORTO INTERNACIONAL

Chamei o carro pelo número que me deram e deixei agenda-da a viagem para o quase fim daquela noite com lua. Gentileza da prefeitura, me informaram lá da editora. A cidade era pequena e as instituições eram acolhedoras com a mídia, imagine, virar notícia no país inteiro, além de reportagem em revista e canal de televisão graúdos no exterior? Que eu ficasse des preocupada com transporte e hospedagem, além do trabalho com os equipamentos que quisesse, pois também a assessoria de comunicação do município estaria à minha disposição.

Eu até poderia ter me sentido animada com tudo isso, mas quase não deu o tempo do pouso: o passado já estava lá, sem parte de piedade. Menos de uma semana mais tarde desde que soube que faria aquela viagem, fui surpreendida pelo anfitrião que me esperava, não apenas por causa dos sentidos de preságio que eu atribuí à coincidência, mas pelos vincos intencionais, coisa de automutilação, feitos na minha memória quase quinze anos antes. Quando eu o tinha visto pela última vez.

Havia sido meu melhor amigo a vida toda, até o dia da fuga. Minha sombra e minhas mãos. Bolinagens. Beijos de língua que molhavam o rosto todo, por causa da nossa imperícia. Meu primeiro amor, segredo até para os olhos de Deus, que a Vó

denunciava esses querereres como impróprios. Vocês são como irmãos!, ela dizia, abanando as mãos e desamassando as saias. E apesar de não entender como isso poderia ser, que ele tinha mãe e eu não, eu dava conta de que acreditava e obedecia. Porque mentir pra Vó era mentir pra Deus. E Deus, eu sabia, estava na Vó.

Ele também não chegou nem a suspeitar. Quando a vista me alcançou e, depois de vencidas a descrença e o desconhecimento iniciais, teve uma tremedeira indisfarçável. Cabeça aos pés. Muitas mãos e suores. Eu nunca vou te perdoar se você for embora, eu tinha ouvido, repetidas vezes. Chegou a me dar murro e beliscão, eu lembro. Mas não adiantaram. Fui muito rápido, voando, sem despedidas, para morar com a tia boa assim que a oportunidade se apresentou bem-sucedida, e a Vó entendeu que aquela era a última coisa que ela poderia fazer por mim, pelo meu bem. Eu tinha medo de que, entre um e outro piscar de olhos, nada desse certo e eu acabasse ficando para sempre em Tauá. Mesmo assim, ele me perdoou. E sem falsas resistências, sem brio algum, deixou que eu sentisse o seu gosto outra vez, gosto diferente, melhor, de línguas que tinham abandonado a preferência pelos refrigerantes para se banhar noutras e alcoolizadas línguas.

No começo da viagem e ignorados os assombros, lado a lado nós conversávamos amenidades, ali nos bancos dianteiros, fingindo que estava tudo bem e que não havia lutos e incômodos saltando das entrelinhas do motivo de eu estar ali e de como os nossos olhos devoravam as informações em pele sobre quem nos tínhamos tornado. Mas havia. Evidentes no meu modo de ignorar a perda da Vó, na minha solidão familiar e na minha insistência em compartilhar histórias de menina matuta na cidade grande e na universidade, e depois de moça formada com diploma, plaquinha e currículo com dois idiomas, graças a uma

graduação sanduíche no país da rainha. Graduação sanduíche?, ele riu, achando o nome engraçado. E ele ouvia tudo impressionado, como quem não tinha mágoa. E foi com um olhar indulgente, que era também uma saudade acompanhada de sua velha e leal escuta, minha desde a primeira vez que me ouviu, que ele não interrompeu a minha tagarelice nervosa, mas sincera, tampouco a questionou, nem mesmo diante dos meus evidentes esforços para suprimir quaisquer comentários sobre o meu passado e sobre as lembranças que tínhamos em comum.

Se eu tivesse entrevisto aquele encontro sob quaisquer circunstâncias, jamais teria suposto achá-lo assim, depois de tantos anos e sóis, um homem bonito na sua pele escura, bem feito e de linhas tão harmoniosas como quando era um menino. Ainda tinha a boca grande e vermelha, como a suculência das frutas macias, embaixo daqueles olhos redondos e argutos de graúna. Foi assim que o desejo, mais impróprio do que os de antes, teria feito a Vó chorar de desgosto, mas nasceu instantâneo.

Depois de muitos quilômetros noturnos e conversas desimportantes de todo tipo, sugeri o desvio. É que meus olhos tinham desembarcado curiosos, menti, ansiosos da vontade de explorar. Você quer é saber o que tem no final de uma estrada no meio do nada, ele respondeu sorrindo, e desviou obediente, os pneus quase cantando. Tornei a ser adolescente, o coração batendo desvairado, chiclete na boca meio seca da adrenalina e um frio que ia da barriga ao universo entre as coxas, de lá para o peito suado. Suspirei, muito nervosa, querendo pensar em mais nada. Procurei um cigarro na bolsa e acendi. Ele fez uma cara feia e eu dei de ombros, sorrindo muito mais com os olhos. Isso lá importa, criatura. Desligou o motor do carro. Estávamos parados num deserto cheio de lua e estrelas espalhadas no chão de cactos e no céu descortinado sobre nós, um bocado

de coisas em que eu nunca tinha reparado de perto, embora tivesse inventado mil histórias a respeito para os meus colegas escritores e editores de Porto Alegre. Agora tudo era real, bonito e meio triste, eu concluí, sabendo da rapidez inesperada com que eu tinha chegado ali, não pela razão mais penosa, em viagem tantas vezes adiada quando a Vó ainda era viva.

Que havia coisa mais bonita no mundo, ele se atreveu a dizer, enxerindo-se pelos meus pensamentos e compreendendo um pouco do que meus olhos sentiam. E o derradeiro momento de que me lembro, depois de ouvir isso, foi de ter jogado fora o chiclete e de beijá-lo com força, tomando cuidado para não o queimar com o cigarro ainda aceso, apertando, abrindo zíperes, tirando camisas.

## QUATRO

# CE-020

Eu ainda me recordo de como aquele dia amanhecia, com as luzes dos fogos de artifício que queimavam no meu baixo-ventre, numa mundana febre uterina. Amanhecia enquanto eu olhava, cabeça pendendo por sobre o braço para fora da janela, a vista pesada, e achava que o céu parecia maior no sertão, coisa que eu não trazia na lembrança. E o retorno que definitivamente acontecia me deixava com uma distante e preguiçosa vontade de chorar, como se eu fosse menina-rebento voltando para o útero.

O rei cantava, muito longe na rádio, sobre estrelas e cavalgadas, e por toda a parte a chuva dava ao verde boas-vindas, misturando-se às lágrimas invisíveis sobre os meus olhos que não sabiam mais se banhar. Os açudes deviam estar sangrando, pensei, olhando a terra que vermelhava feito o sangue de um parto de avesso. E eu observava todas essas coisas da janela do carro, como se estivesse indo rumo a um horizonte mágico que, entretanto, bem poderia terminar num morredouro. Era uma chegada já com ares de partida, eu temia.

Foi assim que quatro horas de viagem se transformaram em sete, de estrelas em êxodo e de tê-lo ao meu lado cantarolando e me olhando sonolenta, com vento nos cabelos e olhos moles na estrada. “Estrelas mudam de lugar, chegam mais perto só pra ver, e ainda brilham de manhã, depois do nosso adorme-

cer”, ele cantava, pouco mostrando a língua doce que, com sede, tinha se molhado nos rios que percorriam a aurora do mapa quente do meu corpo. Delírios, eu sabia, mais dormindo que acordada. Que essas, como todas as coisas, deixaram de ser no instante em que nasceram.